



Matilde Rosa Araújo "Um voto de esperança no futuro"

## Para lá dos livros

### Alice Vieira

«Era amiga da Matilde há 50 anos» – escrevi eu ontem no Facebook.

Porque ontem a Matilde morreu.

Mas houve logo quem me corrigisse o tempo verbal, dizendo que as amigas se escrevem sempre no presente.

Aceitei o reparo.

Mas essa é uma daquelas frases que se dizem sempre quando as pessoas morrem e queremos apaziguar um pouco os nossos corações. Mas a verdade é que as pessoas desaparecem e vamos ter de fazer o resto das nossas vidas sem elas.

A Matilde morreu ontem, e vai fazer-me muita falta.

A Matilde acompanhou sempre a minha vida – desde o dia em que a encontrei numa sala do *Diário de Lisboa* (DL), tinha eu 18 anos, e estava então a tentar entender que coisa era essa de um jornal... A Matilde pertencia ao júri de um concurso que o DL organizava todos os anos, "O Natal Visto Pelas Crianças". Júri de peso: para além dela, José Gomes Ferreira, Alice

Gomes, Calvet de Magalhães, António Domingues e Mário Castrim (o coordenador).

A Matilde era, até ontem, a sobrevivente desse grupo. Também por isso a sua morte me dói, porque há muito de mim que partiu com ela.

Há histórias de nós que ela levou consigo e que não posso partilhar com mais ninguém. E devo-lhe, para além de tudo o mais que é muitíssimo, a palavra sempre serena nos momentos difíceis, e uma amizade que nunca teve quebras.

Um dia, de mal com o mundo e com os meus verdes anos, decidi bater com a porta e ir viver para Paris.

Nas cartas que me escrevia, nunca a Matilde me reprovou o gesto. E nunca insinuou sequer que o meu lugar não era lá.

Não dava lições de moral, não repetia "acho que...", nem "olha que...".

Falava apenas de pessoas. De pessoas nossas conhecidas. Dava notícias delas. Como estavam. O que faziam ou não faziam. Se pareciam mais magras, mais envelhecidas, mais curvadas.

Notícias, apenas.

Que me fizeram um dia emalar a trouxa e regressar.

Ficou-nos, desde então, o hábito das cartas e dos postais. Cartas de muitas folhas, porque a letra da Matilde espalhava-se pela página como se não houvesse limites. E postais, sempre, onde quer que fôssemos.

E fomos sempre muito fiéis no festejar de datas importantes: para lá das óbvias e das que toda a gente festeja, acrescentávamos sempre, com devoção e pontualidade, os parabéns em dia de Santa Matilde e de Santa Alice.

Com a Matilde partilhei grandes alegrias e grandes mágoas, mas também as pequeninas alegrias e as pequeninas mágoas do dia-a-dia, que às vezes são bem mais importantes do que as que se escrevem com maiúscula.

A Matilde conheceu os homens da minha vida, viu nascer os meus filhos, viu nascer os meus netos.

Claro que a vida se vai encarregando de nos colocar no colo novas amizades, e que seria de nós sem essa renovação.

Mas a Matilde era o meu passado e o meu presente.

Foi isso que acabou ontem. ❏

## Estrada fascinante

Guilherme d'Oliveira Martins

Matilde Rosa Araújo era o paradigma da educadora, que fazia da literatura o seu meio natural de intervenção. Para ela o domínio da língua obrigava ao recurso à narrativa – sem concessões à facilidade. Por isso, nos ensinou que a literatura para crianças e jovens é tão exigente como toda a literatura. Afinal, as crianças são já pessoas e cidadãos na medida das suas capacidades, obrigando ao rigor da palavra e à procura do essencial. E devemos lembrar o cuidado que pôs nas ilustrações das suas obras, com grandes referências das nossas artes plásticas como Maria Keil, Alice Jorge e Manuela Bacelar. E esses traços inconfundíveis conduzem aos gestos de amor e de esperança, que sempre desejou.

A escritora falou-nos da infância dourada, da infância agredida e da infância como projecto. A «infância dourada» correspondia ao sonho e a uma inocência sábia, quando a criança «vê as coisas com os olhos de quem vê pela primeira vez». Mas, além dessa infância deslumbrante, há a «infância agredida». «Os direitos das crianças estão reconhecidos (disse-nos a lutadora incansável) mas, infelizmente, ainda há muita criança agredida. Essa é uma mágoa que vou sentindo, o saber que a criança ainda não é respeitada, amada como devia. E estou a falar de Portugal mas, por esse mundo fora, a guerra põe até armas nas mãos das crianças. Já no fim da "caminhada" saber tudo isto dói mais ainda». Relativamente à «infância como projecto», os poderes públicos deveriam olhá-la como uma «responsabilidade social», comprometida e séria. E a escritora lançava um apelo especial: «Estamos a deixar de parte o lado maravilhoso do nascer e do crescer. A criança é sensível ao afecto, percebe bem quando gostam dela. Ela precisa de um amor responsável. Uma criança que cresce sem amor é uma criança quase sempre condenada». Militante precursora dos direitos da criança, afirmou: «Não é necessário infantilizar a infância mas sim encontrar a sua poesia. A criança que tem uma força e uma fragilidade tão grande deve ter voz. A verdadeira raiz de uma sociedade justa, fraterna reside nos Direitos da Criança, no seu real cumprimento» (entrevista a Luís Souta,

jornal A Página, Julho de 2002).

«A ficção emerge da realidade» (disse-nos ainda a escritora). Por exemplo, *O Sol e o menino dos pés frios* (1971) tem muito dos alunos que foi encontrando. Aí podemos ver não um mundo idealizado, mas uma realidade viva: «Era uma vez uma casa. Muito grande. Com um tecto altíssimo, nem sempre azul. Uma casa enorme onde habitava uma grande família: uma família tão grande que, por vezes, não julgavam os seus membros que se conheciam. E se deviam amar. Houve um menino que entrou nesta casa estava ela toda branca. No chão tapetes de neve, cristais de água de uma brancura que estremecia. E as próprias árvores escorriam essa brancura. E frio. Iluminava-a uma estrela tão brilhante que, sobre o tecto, parecia que poisava sobre as nossas mãos». Os contos para as crianças que escreveu partem das pessoas de carne e osso. Luísa Ducla Soares e António Torrado salientaram muito bem esse sentido modelar. «*O Palhaço Verde* (1962) nasceu quando eu estava em Portalegre e fui ao circo e os circos da província eram muito pobres. Eu acho que o circo tem tanto de mágico como de trágico. E o "menino dos pés frios" é, por exemplo, um rapazinho que eu conheci no Cabedelo (perto de Viana do Castelo), que vendia moínhos de vento na praia, chamava-se Joaquim e foi meu companheiro de praia durante dois anos. Ele dizia-me que os pais andavam pelas feiras e que ele dormia numa taberna, na estrada, e todos os dias de manhã lá aparecia ele com os seus moínhos. Aí está uma realidade. Uma, entre tantas mais» (Entrevista citada). A história real de Joaquim é dura e comovente, mas Matilde Rosa Araújo encontrou nela motivos de esperança. Apesar das condições dramáticas de tal infância (insuspeitadas no início), o tempo veio a encontrar uma saída para essa vida que parecia sem horizonte e que a atenção da autora ajudou.

Em poucas palavras, para Matilde Rosa Araújo educar é exigir e compreender, disciplinar e diferenciar, responsabilizar e libertar, ser rigoroso e compassivo. O melhor educador não transige, mas não se ausenta, no fundo, não renuncia ao exemplo e à ajuda. Daí que a sua escrita não seja artificial nem desenraizada, indo ao encontro da vida tal como é... ❏